

INTERAÇÃO AMBIENTAL COMO RESISTÊNCIA E EMANCIPAÇÃO, COM BASE NO NHANDEREKO (*Bien Vivir*) MBYA GUARANI

ENVIRONMENTAL INTERACTION AS RESISTANCE AND EMANCIPATION, BASED ON NHANDEREKO (*BIEN VIVIR*) MBYA GUARANI

Renata da Silva Gerhardt Pereira¹

Helena Midori Kashiwagi²

Resumo

O *Nhandereko* (jeito de ser Guarani) semelhante ao Bem Viver, trata do conhecimento ancestral, próprio do povo Mbya Guarani. Equivalente à expressão *Bien Vivir* (BemViver) de matriz andina. O *Nhandereko* consiste em como esses povos organizam sua sociedade e seu modo de vida, conforme suas cosmovisões e conhecimentos ancestrais, de forma transdisciplinar. Tem como objetivo Clarificar a concepção do que se apresenta como resistência e emancipação, inserida no contexto social, ambiental e cultural. Evidenciando também, como se dá o processo de educação organizacional próprio, como superação da expressão escolaridade indígena, a qual, aponta que esse modo de organização se define como processo colonialista. O referido mapa conceitual, apresenta-se como um roteiro de como ocorre a educação indígena e de como suas propostas apresentam-se como agentes referenciais para a educação ofertada pelo estado. A abordagem foi caracterizada pela Fenomenologia de Merleau Ponty, tendo Paulo Freire, Bartolomeu Meliá, Egon Schaden, Edgar Morin e outros autores fazendo menção à Pedagogia Indígena, Ernst Cassirer promove a relação das representações simbólicas, Axel Honneth contribui com a teoria do reconhecimento e Basarab Nicolescu e Adorno entram com suas visões transdisciplinar. A pesquisas se organizou como participativa. Os procedimentos técnicos próprios da pesquisa de campo, utilizaram meios propostos pela etnografia como: diário de campo, registros gráficos, roda de conversa, entrevistas, observações, fotografias, filmagens e áudios. O apontou para a similaridade do *Nhandereko* com o BemViver, demonstrando um modo de vida com educação própria, resistente à colonização. Escrever o resumo.

Palavras-chave: Filosofia do Bem Viver; Conhecimento Ancestral; Pedagogia Indígena; Educação Emancipatória.

Artigo Original: Recebido em 17/10/2021 – Aprovado em 10/05/2022

¹ Mestra no Ensino de Ciências Ambientais (PROFCIAMB), Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná (UFPR Litoral), Matinhos/PR, Brasil. e-mail: renatasgp67@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4291-6693> (autor correspondente)

² Graduada em Arquitetura e Urbanismo; Mestra e Doutora em Geografia, Professora Titular da UFPR Litoral, do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Imobiliária e Docente Permanente do PROFCIAMB, UFPR Litoral, Matinhos /PR, Brasil. e-mail: helenamidori@ufpr.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9811-0619>

* Apoio financeiro: ANA- Agência Nacional de Águas através da Rede PROFCIAMB - Programa de Pós- graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais ofertado pela UFPR Litoral.

Abstract

Nhandereko (the way of being Guarani) similar to BemViver, deals with ancestral knowledge, typical of the Mbya Guarani people. Equivalent to the expression Bien Vivir (BemViver) from the Andean matrix. Nhandereko consists of how these peoples organize their society and their way of life, according to their ancestral worldviews and knowledge, in a transdisciplinary way. Its objective is to clarify the conception of what is presented as resistance and emancipation, inserted in the social, environmental and cultural context. Clarifying the conception of what is presented as resistance and emancipation, inserted in the social, environmental and cultural context. Evidencing also how the process of organizational education itself takes place, as the overcoming of the expression indigenous schooling, which points out that this mode of organization is defined as a colonialist process. The aforementioned conceptual map presents itself as a script of how indigenous education takes place and how its proposals are presented as reference agents for the education offered by the state. The approach was characterized by the Phenomenology of MerleauPonty, with Paulo Freire, Bartolomeu Meliá, Egon Schaden, Edgar Morin and other authors mentioning Indigenous Pedagogy, Ernst Cassirer promotes the relationship of symbolic representations, Axel Honneth contributes to the theory of recognition and BasarabNicolescu and Adorno come in with their transdiscipline visions. The surveys were organized as participatory. The technical procedures of field research used means proposed by ethnography such as: field diary, graphic records, conversation circle, interviews, observations, photographs, filming and audio. The result pointed to the similarity of Nhandereko with BemViver, demonstrating a way of life with its own education, resistant to colonization.

Keywords: *Philosophy of Living Well; Ancestral Knowledge; Indigenous Pedagogy; Emancipatory Education.*

1 Introdução

O referente artigo resulta da Dissertação do Mestrado Profissional em Rede Nacional para Ensino de Ciências Ambientais Profciamb UFPR, intitulado “INTERAÇÃO AMBIENTAL COMO RESISTÊNCIA E EMANCIPAÇÃO, COM BASE NO *NHANDEREKO (Bien Vivir) MBYA GUARANI*” (GERHARDT, 2019), onde teve sua pesquisa realizada com a comunidade indígena Mbya Guarani, na Ilha da Cotinga no Litoral do Paraná (Figura 1). Na aldeia *Pindoty* (muitas palmeiras), estão os integrantes de duas comunidades originárias *Mbya Guarani*¹, composta por 17 famílias atualmente, totalizando cerca de, 61 pessoas, onde os núcleos familiares estão dispostos da seguinte maneira: homem, mulher e filhos; mulheres e filhos; homens. A comunidade mantém sua ancestralidade transmitindo seus saberes às futuras gerações. Como meios de subsistência possuem o artesanato como uma das principais fontes de renda, desenvolvendo também atividades agrícolas, caça e a pesca, destinadas ao consumo próprio. O início da pesquisa ocorreu em agosto de 2017 acontecendo até abril de 2019, com visitas periódicas e pernoites na casa de uma das famílias indígenas *Mbya Guarani*.

Figura 1 - Localização da área de estudo

FONTE: Google Maps (2019).

Esta é uma causa pela qual essa pesquisa se empenhou, ou seja, como os conhecimentos originários conseguem apontar alternativas de resistência ao modo colonizador, a que estão sujeitas as comunidades não indígenas. Essa possibilidade tem referência em Axel Honnet com sua Teoria do Reconhecimento ao perguntar: Como eu me reconheço, o que faço para ser reconhecido e como o mundo me reconhece. Surge então alguns problemas decorrentes:

A pesquisa se constituiu num estudo de como se desenvolvem as relações sociais e ambientais no contexto dessa comunidade, na qual é possível identificar formas de organização da vida sintonizada com um viver com dignidade caracterizada pelo respeito e responsabilidade com que interagem entre si e com os elementos constituintes do ambiente no qual se reconhecem como pertencentes.

Dessa forma, a pesquisa será de grande valia para a academia, pois buscou a compreensão de como o modo de vida dessa comunidade se assemelha ao conceito do Bem Viver dos povos Andinos, retratado por Acosta (2016) e nas locuções de outros autores, possibilitando uma relação por meio de seu tradicional e equivalente *Nhandereko* próprio dos povos originários Mbya Guarani. Também apresenta a pedagogia Guarani e sua forma de ensinar e aprender.

Por ser possível ver algumas concepções de vida, com diversidade filosófica e formas com que se pode perceber e identificar a relação humana com a natureza, com as pessoas, com o espiritual, com o imaterial, cabe nesse cenário marcado pela diversidade e firmeza de propósitos, a questão de qual é o papel da Educação Indígena organizada nos moldes de sua cosmovisão e cultura frente à Escola, organizada nos moldes dos saberes e da cultura das pessoas não indígenas, frente às particularidades e sutilezas que caracterizam uma comunidade originária. Esses desafios remetem a como nas comunidades originárias ocorre o

processo de ensino e aprendizagem, ou como são ensinados os valores e saberes originários, também como são incorporados pelos aprendizes esses saberes e posturas próprios e particulares dessa comunidade, como os professores guaranis ensinam e como as crianças guaranis aprendem, de forma a possibilitar uma interação das pessoas com as particularidades ambientais.

Perceber que o *Nhandereko* se caracteriza como a concepção de vida dos Mbya Guarani com o qual eles se mantêm sintonizados com uma vida com dignidade onde a educação indígena ofertada na aldeia, segundo seus saberes tradicionais favorece a manutenção da cultura.

2 Metodologia

O desafio dessa proposta remeteu à pesquisa, como uma abordagem investigativa de natureza qualitativa e descritiva, com uma construção teórica amparada na pesquisa participante que, segundo Gil (1991), proporciona interação entre o pesquisador e o grupo pesquisado.

A abordagem investigativa foi organizada de três maneiras, como primeiro momento o ver, ainda na fase exploratória, no segundo momento o ouvir, como procedimento técnico, e um terceiro momento escrever, obtendo a consolidação dos dados pesquisados.

Para Oliveira (2000), as principais “faculdades do entendimento” são olhar, ouvir e escrever. Ele ressalta que nas ciências sociais, através desses atos cognitivos: audição, visão e sentir propiciam a construção do conhecimento. Ao observar e ver o que está ao seu redor, o pesquisador poderá ou não identificar elementos fundamentais para sua pesquisa, conforme seu olhar e ouvir “disciplinados”.

A pesquisa foi sustentada através do aporte-metodológico da estrutura simbólica tendo como vertente a Fenomenologia, onde através disso foram analisados os mapas conceituais desenvolvidos durante a pesquisa, enquanto essência vivida. O procedimento técnico utilizado foi pesquisa de campo com instrumentos investigativos próprios da etnografia como: diário de anotações, rodas de conversas com os mais velhos onde as memórias foram compartilhadas, entrevistas, vivências, observações, fotografias, filmagens e áudios, todos com autorização do Cacique Dionísio Rodrigues. Além desses procedimentos foram realizadas entrevistas em grupo para elaborar argumentos, que substanciaram proposições de ação apontadas nos propósitos da pesquisa. A metodologia de análise de

conteúdo se desenvolveu através dos estudos de Bartolomeu Meliá (1995), referente à educação indígena, a partir de mapas conceituais e de exame interpretativo dos materiais coletados (Figura 2).

Figura 2- Mapa conceitual da abordagem investigativa



FONTE: Modificado de Jaskiw (2019).

Em um primeiro momento, o olhar foi fundamental, no ambiente natural onde as comunidades Mbya Guarani estão inseridas e onde foi realizada a pesquisa. Observar quem são, como se dá sua interação ambiental, como acontece sua cosmovisão por meio de processos educativos próprios, sua resistência aos processos colonialistas, como mantém sua língua, como compreender seu Bem Viver e de que forma ele é um processo emancipador, foram algumas questões voltadas para a primeira fase, a fase do ver.

Durante a segunda fase da pesquisa, a compreensão do viver Guarani desencadeou sentimentos e admiração por esses saberes originários. A busca da compreensão e dos significados propiciou à pesquisa a coleta de materiais, através do ouvir. Oliveira (2000) defende que o ouvir completa o que é captado pelo olhar do pesquisador para se chegar à estrutura. Ambos, olhar e ouvir dependeram um do outro no processo de investigação. Os procedimentos técnicos surgiram possibilitando a coleta de dados.

Nesta terceira fase o escrever transforma em palavras todas as vivências. “[...] A memória constitui provavelmente o elemento mais rico da redação de um texto [...]” (OLIVEIRA, 2000, p. 34). Ao refletir e pensar nos acontecimentos no ato de escrever

possibilitou além da concretização da pesquisa, a compreensão e o respeito pela cultura *Mbya* Guarani.

Merleau Ponty (1999, p.13) enriquece a pesquisa com um olhar fenomenológico e ele afirma que “buscar a essência do mundo não é buscar aquilo que ele é em ideia, uma vez que o tenhamos reduzido a tema de discurso, é buscar aquilo que de fato ele é para nós antes de qualquer tematização”.

Ainda na fase da escrita, mapas conceituais foram construídos em momentos de conversas, alguns na escola, outros na Casa da indígena Juliana *Kerexu* em momentos de confecção de artesanatos ao som de músicas Guarani e em outros momentos como na casa da indígena Rosalina (*Kerexu Rete*) tomando chimarrão ao redor do fogo, onde a conversa acontecia entre eles em Guarani, para só depois vir a contribuir em português. Assim como, ao escrever as ideias, as mesmas eram lidas e novas ideias iam surgindo, daí o motivo de terem sido construídos quatro mapas conceituais sobre o Bem Viver.

A pesquisa passou a dar ênfase à Pedagogia Indígena durante a fase da escrita, quase no final da pesquisa, pois a pesquisadora observou o seu valor e como estava interligada com o *Nhandereko*. O mapa conceitual sobre a Pedagogia Indígena foi resultado das contribuições de várias pessoas da comunidade, onde a pesquisadora organizou estes aportes e depois de passar por análise, os mesmos foram sendo organizados.

3 Referencial teórico

Realizaram-se leituras prazerosas, diversificadas e dentre elas, algumas que tem a pretensão de apresentar o *Nhandereko* como o bem viver Guarani e como concepção de vida. Alberto Acosta, apresenta a possibilidade de se conhecer um outro mundo: com esse artigo, conhecer o mundo Mbya Guarani. Alberto Acosta (2016, p. 27) surge com um elemento chave quando afirma: “o centro das atenções não deve ser apenas o ser humano, mas o ser humano vivendo em harmonia com a natureza. A base do pensamento do “Bem Viver” é indígena. Propõe uma vida em harmonia com a natureza, de forma a fazermos parte dela, propõe solidariedade entre as pessoas, sem viver o conceito de acumulação, livre de preconceitos, com novas visões alternativas de vida. Acosta (2016, p.14) relata que o Bem Viver readquiri a sabedoria ancestral de que “a natureza não está aqui para nos servir, até porque nós, humanos, também somos natureza e, sendo natureza, quando nos desligamos dela e lhe fazemos mal, estamos fazendo mal a nós mesmos”. Acrescenta ele que [...] não

somente dos reinos animal e vegetal, mas também os minerais, a água, o ar e a própria Terra, que contam com espírito e inteligência próprios”. O Bem Viver se traduz em uma vida harmoniosa, equilibrada “entre o indivíduo com ele mesmo, entre o indivíduo e a sociedade, e entre a sociedade e o planeta com todos os seus seres [...]” (ACOSTA, 2016, p. 15).

Nessa proposta filosófica o Bem Viver é: “*Buen vivir* ou *vivir bien* é semelhante ao *sumakkawsay* (kíchwa), *suma qamaña* (aymara) ou *nhandereko* (guarani)”, e proporciona uma nova oportunidade para se “construir coletivamente uma nova forma de vida” (ACOSTA, 2016, p. 23).

Como uma proposta holística, o Bem Viver está em constante construção e reprodução, sendo necessário compreender os diversos fatores como crenças, conhecimento, valores, visão de mundo, organização, entre outros. Gudynas (2011) afirma que a construção dessa filosofia de vida sugere por um lado, “descolonizar o saber para desvencilhar-se da superioridade ocidental. Por outro, respeitar a diversidade das demais culturas sem estabelecer hierarquia de uma sobre outra”. O bem viver possui outros determinantes, David Choquehuanca (2010), ressalta que o bem viver é “recuperar a vivência de nossos povos, recuperar a Cultura da Vida e recuperar nossa vida em completa harmonia e respeito mútuo com a mãe natureza, [...]”.

O Mbya Guarani possui um modo diferente de viver e perceber o mundo, portanto, Maurice Merleau Ponty (1999) foi o referencial teórico para a fenomenologia, a compreensão de mundo e a fala, levando em conta que o povo Guarani vive da oralidade. Hampatê Bâ afirma que “a tradição oral, é a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos”. Maurice Merleau Ponty (BÂ, 1999, p. 1-2) apresenta seu posicionamento quanto à fenomenologia: “A fenomenologia é o estudo das essências” e como essência entende-se a percepção e a consciência, por exemplo, de acordo com o autor, ela também é uma “filosofia que repõe as essências na existência”, a fenomenologia “é também um relato do espaço, do tempo, do mundo ‘vividos’”. Para a compreensão de mundo, Merleau Ponty (1999, p. 14), afirma “o mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo [...]. Ele ainda defende que o mundo, da forma com que nós representamos, enquanto “somos todos uma única luz e enquanto participamos do Uno sem dividi-lo.” (MERLEAU PONTY, 1999, p. 7-8).

Quanto a oralidade Guarani, Merleau Ponty (1999, p.250) traz a compreensão de que “a fala é um gesto, e sua significação um mundo.” Há compreensão do outro através da fala,

“uma reflexão no outro, um poder de pensar segundo o outro que enriquece nossos pensamentos próprios.” (MERLEAU PONTY, 1999, p.243).

Ernst Cassirer contribui com a formação da natureza humana através do pensamento e do simbólico. Cassirer (1975, p. 164) salienta que a relação do homem com a realidade surge através das construções simbólicas, o que possibilita a relação do homem com o mundo, do espiritual com o sensível. A linguagem possibilita a pessoa torna-se um ser social e cultural. Cassirer (1972, p.316) facilita a compreensão de que “[...] O homem vive num meio físico, que exerce constante influência sobre ele e imprime sua marca em todas as formas de sua vida”. Com esse intuito, o de observar a ligação entre os Mbya Guarani e o ambiente ao seu redor, é possível analisar como acontece seu *Nhandereko* (jeito de ser Guarani), de forma a serem um com a natureza, a maneira pela qual, Influenciam o ambiente e de como o ambiente tem influência sobre eles. Cassirer (2009, p. 11) afirma que “o ponto de partida da especulação filosófica é marcado pelo conceito do ser” e, a partir daí, surge a maneira de se ver o mundo. Partindo dessa premissa, deve-se considerar a ligação afetiva entre o indivíduo e o lugar, ou ambiente e suas experiências, o que proporciona um melhor entendimento dos Mbya Guarani com os espaços utilizados por eles.

O aporte para a Pedagogia Guarani se fundamentou nas obras de Paulo Freire com suas convicções pedagógicas, articulando com a pedagogia indígena e defendendo que “o homem deve ser o sujeito de sua própria educação”. (FREIRE, 2007. p. 28). Além de Paulo Freire outros teóricos contribuíram com seus saberes, dentre eles, Edgar Morin acrescenta que: “a educação para viver deve favorecer, estimular uma das missões de qualquer educação: a autonomia e a liberdade do espírito.” (MORIN, 2015. p. 51).

Entre tantas leituras prazerosas, Bartolomeu Meliá apresenta o modelo de escola que mais se aproxima de uma pedagogia indígena, a qual é retratada por ele e defendida: “[...] *La escuela no solo debería ser para indígenas, sino ella misma indígena*”. (MELIÁ, 1995, p.153).

Egon Schaden (1976, p. 23), considerado um dos pais da antropologia no Brasil, apresenta através de suas pesquisas que cada grupo indígena é diferente um do outro “cada tribo é única em sua maneira de ser e de viver”. Basarab Nicolescu contribui com sua visão transdisciplinar, fazendo referência ao que está entre, através e além e complementa: “seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos, é a unidade do conhecimento”. (NICOLESCU, 2018, p. 53).

Adorno, (2012, p.151) afirma que “[...] educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação. Axel Honneth (2003, p.185) contribuiu com a teoria do reconhecimento e menciona a importância de “podermos reconhecer um ser humano como pessoa, sem ter de estimá-lo por suas realizações ou por seu caráter [...]”.

4 Resultados

4.1 Compreendendo o *Nhanderekoe* o *Teko Porã*

Referindo-se ao *Nhandereko*, Meliá (2010) explica seu significado “nosso modo de ser, nosso costume, nosso sistema e condição, nossa lei e hábito.” Macedo (2012, p. 362) afirma que *nhande* é “nosso/nossa” e *reko* é “vida”, significando “nossa vida”. Dessa forma, *Nhandereko* se assemelha ao Bem Viver apresentado por Acosta (2016), simbolizando o jeito guarani de ser e de viver, seus costumes, suas canções, sua religiosidade, suas histórias sendo transmitido de geração em geração. O “*Nhandereko*” que se traduz em um viver humanístico, busca equilíbrio e serenidade interior, desenvolvimento espiritual e imaterial através das ações na lida diária com a vida material e desenvolvimento das competências e atributos relacionados ao ser humano e a todo ser vivente no planeta em toda sua plenitude evolutiva.

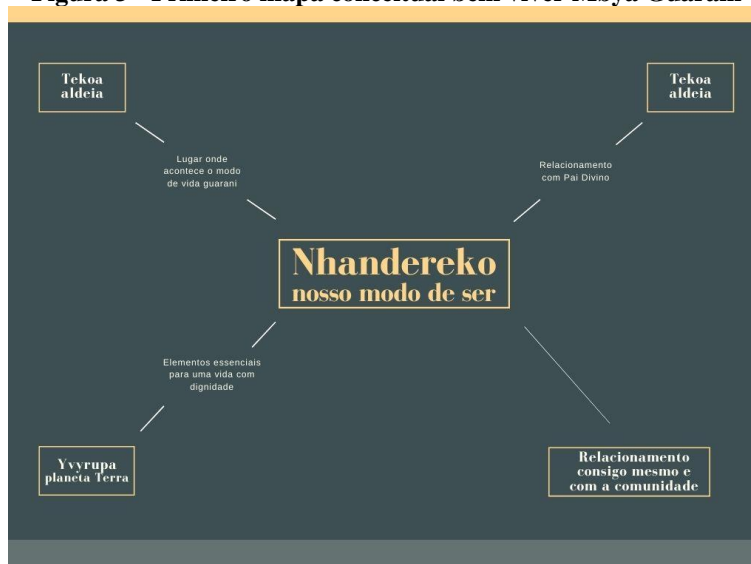
O *Nhandereko* vai muito além do viver em comunidade, torna-se difícil colocar em palavras seu significado, pois abrange um viver que traz consigo um legado, legado esse que se perpetua há milhares de anos. Seria prudente estar vivendo e fazendo parte desse mundo cheio de significados e simbologias para poder compreender o *Nhandereko* de uma forma mais profunda.

O Bem viver Guarani, ou o *Nhandereko* se traduz em um viver simples, mas com sentimento de gratidão por tudo que possuem. Pescar, caçar, cantar, dançar, comer peixe e mandioca, fazer *xipá*ⁱⁱ, sentar ao redor do fogo para tomar chimarrão e fumar o *petyngua*ⁱⁱⁱ, partilhar o que tem com as pessoas, compreender que todos são iguais para *Nhanderu*^{iv}, os rituais, as rezas, este é o mundo do Guarani. Juliana Kerexu (2019) explica que “*Teko Porã* é o que os pajés praticam, que seguem essa caminhada, o *Nhandereko* é o bem viver em comunidade, o *Teko Porã* é buscar o fortalecimento da espiritualidade, a evolução espiritual”, praticar a bondade, ajudar a todos sem escolher as pessoas, ser bondoso, não falar mal das pessoas e tantos outros atributos que devem ser desenvolvidos para se aproximar de *Nhanderu*, além dos pajés as pessoas também precisam estar praticando o *Teko Porã*.

Pajé Isulina (2019) explica que *Teko Porã* “é um modo de viver”, ela conta que é um viver sem fazer uso de coisas que prejudiquem nosso corpo e viver o dia de hoje, sem pensar no amanhã é algo que é passado de pai para filho. Esse desapego à riqueza, sem se importar com bens materiais, e viver sem ter que se preocupar com o amanhã, faz do Guarani um ser livre. Livre porque sua vida não está condicionada ao consumismo, a busca de reconhecimento material e sim o espiritual.

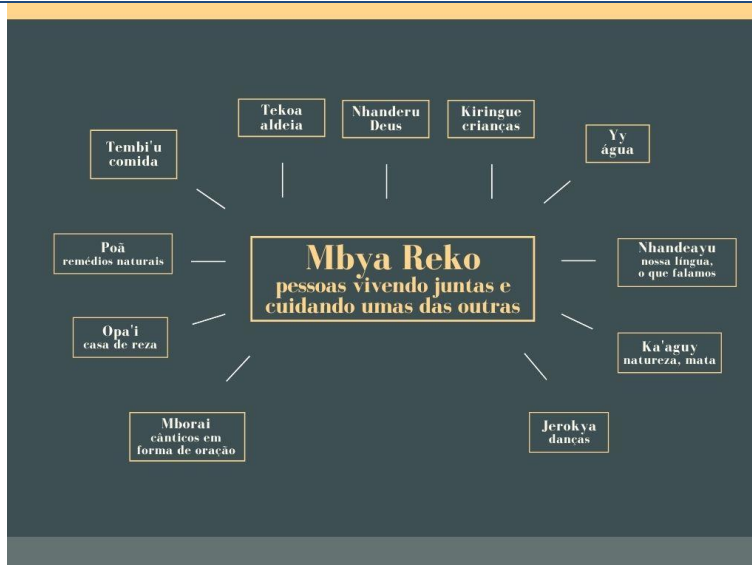
Dentre os quatro mapas conceituais sobre o Bem Viver Mbya Guarani desenvolvidos durante a pesquisa juntamente com a comunidade, o quarto e último se consolidou. Os mapas podem ser observados nas Figuras (3,4,5,6,7).

Figura 3 - Primeiro mapa conceitual bem viver Mbya Guarani



FONTE: Organizado pela Autora (2018).

Figura 4 - Segundo mapa conceitual do Bem Viver Mbya Guarani



FONTE: Organizado pela Autora (2018).

Figura 5 - Terceiro mapa conceitual do Bem Viver Mbya Guarani



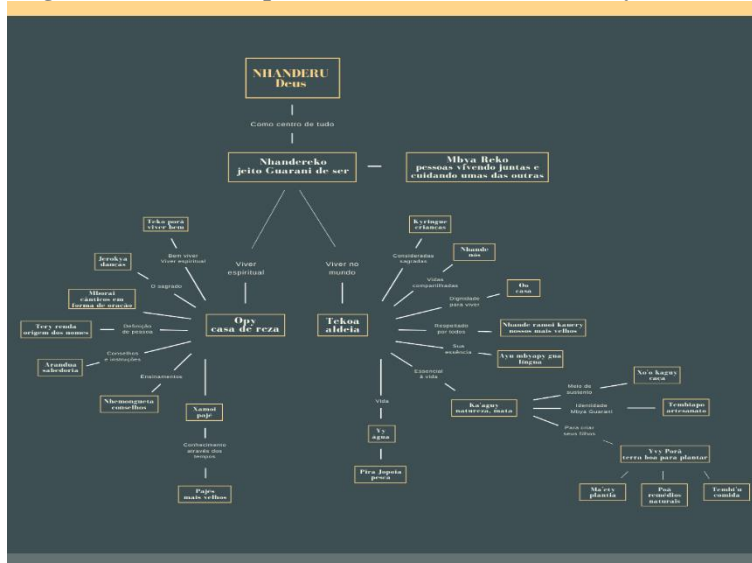
FONTE: Organizado pela Autora (2018).

Figura 6 - Quarto mapa conceitual do Bem Viver Mbya Guarani em construção com a comunidade



FONTE: Construído pela Autora juntamente com integrantes da comunidade (2018).

Figura 7 - Quarto mapa conceitual do Bem Viver Mbya Guaraní



FONTE: Organizado pela Autora (2018).

Ao analisar este quarto mapa fica claro como os conhecimentos originários conseguem apontar alternativas de resistência ao modo colonizador, a que estão sujeitas as comunidades indígenas.

Fica nítido a importância de *Nhanderu* (Deus) para esse povo e que ele é o centro de tudo, toda a vida do Guaraní é regida por suas leis e sua influência, acreditam que todas as coisas acontecem de acordo com a vontade de Deus e passam pelos desafios com paciência e com fé, aguardando que *Nhanderu* decida sobre suas vidas. Acreditam que *Nhanderu* criou tudo que existe na terra, o homem, os animais, as plantas, os pássaros, os rios, os mares, os peixes e muitas outras coisas. A Pajé Isulina (2019) explica que ao entrar na mata pedem permissão a *Nhanderu*, na *Opy* (casa de reza) aprendem as coisas dele, são ensinados através da sabedoria dos mais velhos e é lá que adquirem o conhecimento que lhes são dados através dos tempos.

O conceito de *Nhandereko* é profundo e se relaciona com muitos outros conceitos. Juliana Kerexu (2019) ensina que o jeito de ser Guaraní está interligado com o viver espiritual e o viver no mundo. O espiritual com a *Opy* (casa de reza) e ao mesmo tempo com a *Tekoa* (aldeia) pois a casa de reza faz parte da aldeia, todos os instrumentos utilizado nos rituais são matéria prima retirada da natureza. O mesmo se pode dizer da *Tekoa*, que com todos os conceitos que a compõe, faz parte do espiritual que abrange todo o viver no mundo.

Os mais jovens são aconselhados na casa de reza, as crianças na idade certa passam por um ritual para receber seu nome Guaraní, aquele que será dado por revelação e de acordo

com a personalidade da pessoa. Cada nome possui um significado e esse será levado por toda vida. Na *Opy* é ensinado a viver o *Tekoporã* (viver bem), um jeito de viver sem coisas que prejudicam o corpo, um viver que possibilita aproximá-los de Nhanderu, é a busca de um viver espiritual.

É na *Tekoa* (aldeia) que o respeito pelas crianças (*kyringue*) e pelos mais velhos (*xamoï*) é desenvolvido, o conceito de nós (*nhande*) está presente nas ações diárias. A dignidade de vida para o Guarani está em poder ter terra boa para plantar (*Yvyporã*), estar cercado pela natureza, a qual possibilite a caça (*xo'okaguy*) para seu sustento e a retirada de matéria prima para o artesanato (*tempiapo*), essencial para o fortalecimento de sua identidade. O conceito de remédios naturais (*Poã*) é fundamental na existência Guarani, retiram ervas da natureza, o suficiente para as necessidades, não pegam a mais e não arrancam para plantar em outro local, na verdade, vão até a mata à procura das ervas, somente quando necessário.

4.2 O *Nhandereko* e o saber Mbya Guarani

O *Nhandereko* está em tudo, inclusive na forma de transmissão de conhecimento. A educação guarani, segundo Meliá (2010) “é uma educação comunitária e ao serviço da comunidade”, Dentro da cultura são ensinados o partilhar com as pessoas, sob a consciência de que não estão perdendo e sim buscando se tornar melhor, “dar” e “receber”, não poderão estar em uma “conta de menos e de mais, respectivamente” (RCNEI, 1988, p.165).

Na aldeia as crianças aprendem através de todos dentro da comunidade, por meio de ensinamentos, cantos e rituais. Os ensinamentos são transmitidos em um ambiente de liberdade e tranquilo, tudo com muita paciência, sem gritos, nem alterações.

Em Guarani *Agyjeque* significa nossa plenitude de viver, reflete o Bem Viver, valorizam seu relacionamento consigo mesmo, com Deus, com a família, a comunidade e a natureza. Dentro desse contexto somos levados a conhecer um viver diferente, o qual nos mostra o quanto a sabedoria dos *xamoï* (mais velhos) é valorizada para esse povo originário, nos dando assim, uma visão distinta à que presenciamos em nosso cotidiano cultural ocidental, onde há falta de compreensão e admiração por aqueles que já possuem características visíveis marcadas pelo tempo. Kabwasa (1982) cita: “[...] *la vida es una corriente eterna que fluye a través de los hombres en generacionessucesivas.*” Os Guaranis reconhecem os mais velhos como sábios e valorizam a bagagem de conhecimento que carregam em seu ser.

A sabedoria do Guarani é transmitida através da palavra, através dos cantos e ensinamentos na casa de orações. As músicas trazem consigo mensagens de agradecimentos ou pedidos a *Nhanderu* (Deus). A canção do guerreiro retratando a preparação e proteção de *Nhanderu*, a canção para a mãe que deu à luz, agradecendo a *Nhanderu* e rogando para que seu corpo volte ao normal, canções de agradecimento ao sol, à colheita e a tantas outras coisas, retratam a ligação existente entre a vida, a natureza, a espiritualidade e a família (Figura 8).

Figura 8 – Coral, Aldeia Pindoty/PR



FONTE: A autora (2018).

Schaden (1974); defende que a base do conhecimento Guarani vem através dos mitos e rituais e as informações contidas nesses mitos e nas tradições segundo Nimuendajú (1987); e Cadogan (1959), fundamentam sua maneira de viver. “Cada grupo indígena, como de resto toda comunidade humana, conta com um conjunto de crenças que explica a origem do universo e da própria comunidade” [...] (RIBEIRO, 2005, p. 426).

Há séculos, na cultura Guarani, a oralidade é forma de se comunicar, de educar, de ensinar. A audição é muito valorizada na comunidade Guarani, ouvem para aprender, só falam sobre assuntos que são importantes, não falam palavras desnecessárias, pois há poder nas palavras. (JULIANA KEREXU, 2019). O povo Guarani é um povo da oralidade. Meliá (2006) afirma que “Para o guarani a palavra é tudo. E tudo para ele é palavra.” A educação para eles “é uma educação da palavra e pela palavra.” São um povo ponderado, moderado em tudo, cauteloso e quieto, jamais farão um comentário que ofenda, se não tiverem boas palavras para dizer ficam em silêncio. “O guarani busca a perfeição de seu ser na perfeição do seu dizer. Nós somos a história de nossas palavras.”

4.3 Educação indígena e educação para o indígena

Dentro da pesquisa alguns tópicos foram trabalhados fazendo referência à Educação para o Indígena, dentre eles: Visão de como deve ser a Educação para o Indígena aos olhos da Constituição e de como se Apresenta; Pedagogia Guarani Emancipatória; Educação Indígena e Educação para o Indígena na Perspectiva da Libertação para a Emancipação.

Meliá (1979, p. 9) assegura que o indígena “perpetua seu modo de ser, nos seus costumes, na sua visão de mundo, nas relações com os outros, na sua religião”. Os ensinamentos oferecidos pelos educadores guarani, proporciona que o indivíduo tenha sua personalidade própria não perdendo sua essência e que seja um bom Guarani. A pedagogia indígena educa o indivíduo para o prazer de viver, diferente da sociedade moderna, onde o trabalhar se tornou algo crucial, sobrando pouco tempo para viver a vida. Essa pedagogia não prepara o indivíduo para uma experiência nova, mas sim, para se integrar no que já existe, no que já está pronto, sem perder sua individualidade e de realizar-se como pessoa contribuindo na coletividade. (FERNANDES, 1975, p. 38).

A educação indígena é uma educação para a coletividade, é ensinar e aprender cultura durante toda a vida e em todos os aspectos (MELIÁ, 1979, p. 12). Ele acrescenta que seria possível “considerar três etapas nesse processo educativo: a primeira seria a socialização [...], a segunda ritualização [...], uma terceira etapa que vem a ser a historização [...]”. A socialização permite que o indivíduo seja incluído na maneira de viver, com os costumes e crenças da aldeia, possibilita a aprendizagem do viver em grupo dentro de regras que são passadas por seus antepassados por gerações.

Meliá (1979), explica que a fase da ritualização agrega o indivíduo à religiosidade presente na aldeia. A religião guarani possibilita ter um local, como a casa de reza, que é especial e onde além de rituais, ocorre também instruções e ensinamentos dados como conselhos de vida. Tanto a socialização quanto a ritualização contribuem com ensinamentos tradicionais, no qual o indivíduo se envolve. A fase da historização permite que as inovações façam com que o indivíduo atue com suas “funções específicas, únicas e singulares dentro do próprio grupo”. Tanto o novo, quanto o tradicional se relacionam e toda inovação por mais inovadora que se apresente, “lança raízes no passado e se alimenta de potencialidades dinâmicas contidas nas tradições”.

O Quadro 1 foi construído por Bartolomeu Meliá (1979), segundo análise de Florestan Fernandes (1975), retratando a diferença entre a educação indígena, aquela recebida na aldeia e a educação para o indígena, ou não indígena, trazida por pessoas de fora da aldeia. Neste quadro a pedagogia indígena é ofertada informalmente, a todo instante e de forma oral, a aprendizagem ocorre juntamente com a família, sem se separar, é ao ar livre, na casa de reza, durante a caçada, a pesca ou em casa ao redor do fogo, aprendem fazendo, participando. Todos na aldeia são educadores, não forçam, não impõem, apenas usam de persuasão. Cada indivíduo pode ser ele mesmo e desenvolver suas aptidões.

A Pedagogia indígena apresenta uma educação em harmonia com o ciclo da vida e graduação conforme amadurecimento. Possuem a liberdade de desenvolverem habilidades para os artefatos, música e produção dos instrumentos de trabalho, além da vocação para a religiosidade e liderança. O saber tradicional é valorizado e preservado. O que interessa é a formação da pessoa que irá aprender fazendo e com as pequenas coisas do seu dia a dia. Tendo em vista as diferentes gerações residindo na aldeia, a pedagogia indígena oferece como ensino o respeito, paciência e admiração pelos mais velhos, os quais são valorizados e compartilham seus conhecimentos e suas experiências, o mesmo respeito e cuidado são transmitidos às crianças, que são estimuladas a serem criativas através de suas brincadeiras livres na natureza e aprendem através de seus acertos e erros a como viver.

 Quadro 1- Características da educação indígena

Educação Indígena	Educação para o Indígena
Condições de transmissão	
<ul style="list-style-type: none"> • Educação Informal e assistemática • Transmissão oral • Rotina da vida diária • Inserção na família • Sem escola • Comunidade educativa • Valor da ação • Aprender fazendo • Valor do exemplo • Sacralização do saber • Persuasão • Formação da pessoa 	<ul style="list-style-type: none"> • Instrução formal e sistemática • Alfabetização e uso de livros • Provocação de situações de ensino artificiais • Deslocamento para a aula • Com escola • Especialistas da educação • Valor da memorização • “Aprender memorizando” • Valor da coisa aprendida • Secularização do conhecimento • Imposição • Adestramento para fazer coisas
Processos e meio de transmissão	
<ul style="list-style-type: none"> • Processo permanente durante toda a vida • Harmonia com o ciclo de vida • Gradação da educação conforme amadurecimento psicossocial do indivíduo 	<ul style="list-style-type: none"> • Instrução intensiva durante alguns anos • Sucesso de matérias que tem que ser estudada a saltos de uma para outra • Passagem obrigada por um currículo determinado de antemão para todos
Natureza dos conhecimentos transmitidos	
<ul style="list-style-type: none"> • Habilidade para a produção total dos próprios artefatos e instrumentos de trabalho • Integração dos conhecimentos dentro de uma totalidade cultural • Integração correta na organização tribal • Aprofundamento nos conhecimentos das tradições religiosas 	<ul style="list-style-type: none"> • Manipulação de tecnologia importada • Segmentação dos conhecimentos adquiridos • Adaptação dentro de um extrato ou classe da sociedade nacional • Conversão e catequese para uma nova religião
Funções sociais da educação	
<ul style="list-style-type: none"> • Ajustamento das gerações • Preservação e valorização do saber tradicional, em vista a uma inovação coerente • Seleção e formação de personalidades livres 	<ul style="list-style-type: none"> • Afastamento e mudança com respeito à vida dos velhos • Adaptação contínua às novidades, mesmo ainda não compreendida • Massificação do genérico

FONTE: Meliá (1979).

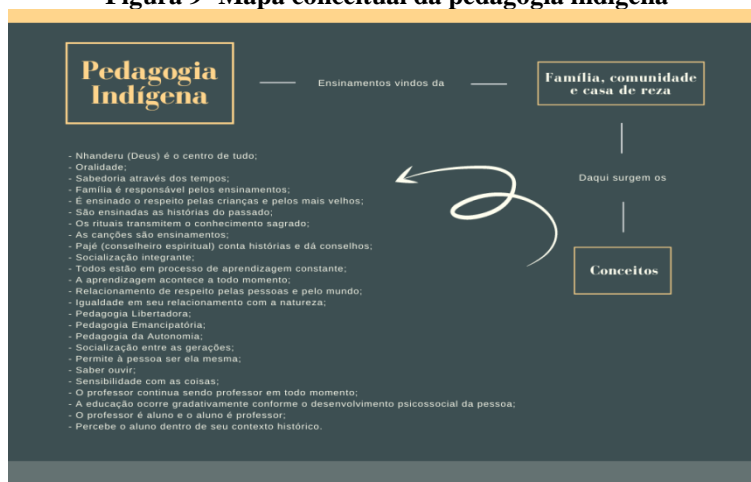
A educação ocorre gradativamente e conforme o desenvolvimento psicossocial do indivíduo, a aprendizagem é para toda a vida, e se harmoniza com suas fazes, uma criança ainda pequena, aprende a montar uma “opy” (casa de reza) com os galhos e com as taquaras finas juntamente com alguém adulto, enquanto bem jovens vão ao mato buscar a matéria

prima para a construção de uma “opy” ou uma casa e, na fase que para nós chamamos de adolescência e para os Guarani é a fase adulta, estão aptos a construir.

A pedagogia indígena oferece a preservação e valorização dos saberes tradicionais, mesmo com as mudanças ocorrendo constantemente aos arredores da aldeia. Meliá (1979, p. 53) afirma que a educação não indígena é para uma “sociedade em mudança” e a educação indígena é para uma “sociedade estável”. Os dois modos de educação tem sua importância, “o problema surge quando a educação para uma sociedade em mudanças é imposta a uma sociedade estável, sem apoiar e até debilitando as possibilidades de uma mudança coerente”.

Dentro destas perspectivas, foi desenvolvido durante a pesquisa o mapa conceitual de como se dá a pedagogia indígena, própria da comunidade Mbya Guarani dentro de seu *Nhandereko*, como mostrado (Figura 9).

Figura 9- Mapa conceitual da pedagogia indígena



FONTE: A autora (2019).

A Pedagogia Indígena é apresentada nesse mapa conceitual, ofertando o conhecimento de como se dá o ensino e a aprendizagem na comunidade Guarani. A forma de transmissão do conhecimento é oral e através de rituais religiosos. A educação na aldeia é Pedagogia. Aprender a plantar, conhecer as estações, aprender a construir casas são alguns dos ensinamentos ofertados. Há um respeito entre aluno e professor. A Pedagogia Guarani é oral, através da observação, desde pequena a criança é preparada para usar a memória, é ensinada pelos seus pais e pela comunidade e depois de adulta quem ensina é a Pajé.

Juliana Kerexu (2019) explica que “todos os dias ela aprende, e todos os dias ensina”, e essa palavra ensinar é tão natural na cultura que eles até se esquecem dela. “Se não

tivéssemos a facilidade e a naturalidade para ensinar, a cultura Guarani não teria resistido, não estaríamos hoje aqui, se não fosse os ensinamentos a cultura não resistiria”. As pessoas são seres históricos, estão sujeitos a constantes mudanças diariamente. Essa mudança é um dos princípios que orienta o entendimento de Paulo Freire de “educação para a transformação”, todos são seres “inconclusos”, a diferença entre as pessoas e a natureza é que as pessoas recebem a habilidade de se reconhecer como seres inconclusos (FREIRE, 2016, p. 90b). “Fazer um poço é tão cultural quanto escrever um poema. Quando nós, homens e mulheres, descobrimos que no “fazer” nós estamos criando e recriando a realidade, nós estamos aprendendo o significado de cultura” (FREIRE, 2016, p. 93b).

A sabedoria dos povos Guarani é transmitida de geração em geração. Um dos ensinamentos é que a natureza é o começo, meio e fim, ela sustenta a sabedoria e a forma de ser guarani. Esse povo originário vive cada dia como se fosse o último dia de sua vida e acreditam que as crianças são a alma pura para manter o equilíbrio da comunidade. Na vida dos Mbya Guarani, família, comunidade e casa de reza se entrelaçam e possibilitam o desenvolvimento de um viver com dignidade. Devemos levar em conta que “não há um problema de educação indígena, há sim uma solução indígena ao problema da educação” (MELIÁ, 1999, p.16).

A pesquisa dá continuidade com a Fenomenologia de Maurice Merleau Ponty com o mundo vivido e construções simbólicas dentro da comunidade Mbya Guarani.

4 Considerações finais

A pesquisa resultou de conversas e diálogos com integrantes da comunidade Mbya Guarani *Pindoty* onde teve como conclusão a elaboração de mapas conceituais que auxiliaram no entendimento do que é o *Nhandereko*, fazendo uma ligação com os saberes tradicionais Guarani e a pedagogia indígena.

O *Nhandereko* realmente se consolida como o Bem viver Guarani, forma de vida esta, que acontece na *tekoa* (aldeia) como um lugar de afirmação da identidade originária, a construção simbólica proporcionou o reconhecimento de um mundo cheio de significados construídos e comuns entre os viveres Guarani, seu relacionamento com a natureza e a compreensão de se viver na mesma condição. Sua relação com a terra é uma relação com a vida. O Bem Viver está em sua forma de aprender e de ensinar dentro da família e na comunidade, tendo a *opy* (casa de reza) como o centro do ensino, das suas crenças, da sua

religião, da sua cultura. Através do valor da palavra, transformam e ressignificam seus espaços, a *Tekoa* (aldeia) é um local de afirmação da identidade originária, ao mesmo tempo, que capacita as pessoas para a convivência com as ideologias e características culturais e sociais circundantes.

Foi possível com a pesquisa reconhecer a Pedagogia Guarani e de que forma ela acontece com esses povos dentro da comunidade. A Pedagogia Guarani é uma pedagogia diferente da que conhecemos, ela ensina que o conceito da subtração que para nós é de tirar, para o Guarani é dar, aqui você não perde, você ganha. Dar ou repartir é muito comum na aldeia, isso é pedagogia Guarani, repartir, comida, roupas, artesanato para venda, casa para morar, a caça e tantas outras coisas, possibilitando o partilhar de todas as coisas.

Através dos desenhos geométricos nos cestos e artesanatos é possível aprender a matemática, essa pedagogia possibilita o respeito aos saberes do educando. É muito comum após uma aula de Guarani não encontrarmos tantas coisas escritas, pois a oralidade é a ferramenta principal da Pedagogia. Os ensinamentos são transferidos de geração em geração através da oralidade, para que o conhecimento possa se perpetuar.

Tomando como base a Pedagogia Indígena e sua forma própria de ensino aprendizagem, foi possível pensar em algumas soluções para a educação ofertada pelo estado. Partindo do estudo de alguns autores e através dessa pesquisa levantada, chegou-se à conclusão que os processos de educação para o indígena em sua comunidade deve refletir o *Nhandereko*, o jeito de ser guarani específico da comunidade onde está localizada. Portanto, precisa ser organizada de acordo com as especificidades e contexto de cada aldeia, pois cada local tem seu jeito próprio de viver e se organizar, mesmo que sejam aldeias que pertençam à mesma etnia, sendo assim, o que, como e quando será promovido pela instituição escolar depende muito do contexto em que ela está inserida. Deve atender as pretensões de cada povo, respeitando sua língua, suas tradições, seu modo de viver.

Pensar em um modelo de educação para o indígena é acima de tudo repensar as ações, eliminando todas as formas de colonialismos existentes. É preciso abrir a mente e conviver um tempo com eles para só assim, compreender sua pedagogia, pedagogia essa que elimina qualquer tipo de estereótipos construído e possibilita o ser humano ser quem ele é, sem fronteiras para aprender, encontrando significados em suas relações com as pessoas e com o ambiente e sendo ensinado de tudo um pouco ao mesmo tempo.

Referências

- ACOSTA, A. **O Bem Viver**. Uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária; Elefante, 2016.
- ADORNO, T.W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.
- BÂ, A. H. A tradição viva. **História geral da África**, v. 1, p. 167-212, 1982.
- BRASIL. Ministério da educação. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC, p. 165, 1998.
- CADOGAN, Leon. "Ayvu Rapyta, textos míticos de los Mbyá Guarani dei Guairá" São Paulo, Boletim 227 Revista de Antropologia, n. 5, FFLCH-USP, 1959.
- CASSIRER, E. **Antropologia filosófica**: ensaio sobre o homem – introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1972.
- CASSIRER, E. **Esencia y efecto del concepto de símbolo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1975.
- CASSIRER, E. **A filosofia das formas simbólicas I: a linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CHOQUEHUANCA, D. Hacia la reconstrucción del Vivir Bien. **América Latina en Movimiento**, ALAI, n. 452, p. 6-13, 2010.
- FERNANDES, F. **Investigação etnológica no Brasil e outros ensaios**. Vozes, 1975.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 54ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2016a.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Solidariedade** 2. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2016b.
- FOSTER, George M. As culturas tradicionais e o impacto da tecnologia. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.
- GERHARDT, R. S. **Interação Ambiental como Resistência e Emancipação, com Base no Nhandereko (bienvivir) Mbya Guarani**. 120 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Ambientais – Profciamb)– Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, Matinhos, 2019. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/66604/R%20%20D%20%20RENATA%20DA%20SILVA%20GERHARDT%20PEREIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

Google Maps (2019). Disponível em <<https://www.google.com/maps/place/Ilha+da+Cotinga/@-25.487787,48.4704357,11z/data=!4m5!3m4!1s0x94db97617d48199d:0xaa46559b83eae108!8m2!3d-25.5268859!4d-48.4562402>> Acesso em 27 fev. 2019.

GUDYNAS, E. Buen vivir: Germinando alternativas al desarrollo. **Alai – América Latina em Movimento**, Quito, n. 462, p. 1-20, fev. 2011.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed.34, 2003.

JASKIW, E. F. B. **O Bem Viver na escola Latino-Americana de Agroecologia**. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Ambientais – PROFCIAMB) – Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, Matinhos, 2019.

KABWASA, NsangO’Khan. O eterno retorno. **O Correio da UNESCO**, Ano 10, n. 12, p. 14 e 15, dez. 1982.

KEREXU, J. Cacique da Aldeia Takuaty localizada na Ilha da Cotinga. Entrevistada para a pesquisa Interação ambiental como resistência e emancipação, com base no *nhandereko (bien vivir)* mbya guarani. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Ambientais – PROFCIAMB) – Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, Matinhos, 2019.

MACEDO, V. Dos cantos para o mundo. Invisibilidade, figurações da “cultura” e o se fazer ouvir nos corais guarani. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 55, n. 1, p. 357-400, jan./jun. 2012.

MELIÁ, B. **Educação indígena na escola**. Cadernos CEDES [online]. 1999, v. 19, n. 49 [Acessado 29 Junho 2022]

, pp. 11-17. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-32621999000200002>>. Epub 10 Out 2000. ISSN 1678-7110. <https://doi.org/10.1590/S0101-32621999000200002>.

MELIÁ, B. Educação indígena e alfabetização. São Paulo: Loyola, 1979.

MELIÁ, B. **Elogio de La lengua guarani**. Assunção: Centro de EstudiosParaguayos “AntonioGuasch”, 1995, p. 153.

MELIÁ, B. Identidad em movimientosustituciones y transformaciones. **Simpósio Nacional de Ciências Humanas**, v. 1, 2006.

MELIÁ, B. **Pasado, presente y futuro de la lengua guaraní**. Paraguai: Ediciones Montoya, 2010.

MERLEAUPONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORIN, E. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NICOLESCU, B.O **manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Trion, 2018.

NIMUENDAJÚ, C. **As lendas da criação e destruição do mundo com o fundamento da religião dos Apapocuva-Guarani**. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1987.

OLIVEIRA, R.C. **O Trabalho do Antropólogo**. 2. ed. Editora UNESP, n. 37, p. 14-35, 2000.

PAJÉ Isulina. Pajé da aldeia Pindoty localizada na Ilha da Cotinga. Entrevistada para a pesquisa Interação ambiental como resistência e emancipação, com base no *nhandereko (bien vivir)* mbya guarani. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Ambientais – PROFCIAMB) – Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, Matinhos, 2019.

RIBEIRO, D. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura guarani**. 3 a ed., São Paulo: E.P.U./Edusp, 1974.

SCHADEN, E. Educação indígena. **Problemas Brasileiros**, v. 14, n. 152, p. 23-32, 1976.

ⁱConforme depoimento do vice-cacique Dionísio Rodrigues, a forma correta de seu povo ser nomeado é Mbya Guarani e não como a literatura apresenta como Guarani Mbya.

ⁱⁱ Bolinho parecido com pão, próprio da culinária Guarani.

ⁱⁱⁱCachimbo

^{iv} Deus